

HORACIO QUIROGA: APROXIMAÇÕES ENTRE A TRANSCULTURAÇÃO NARRATIVA E A ECOLINGUÍSTICA NA ANÁLISE DO DISCURSO LITERÁRIO

HORACIO QUIROGA: APPROXIMATIONS BETWEEN NARRATIVE TRANSCULTURATION AND ECOLINGUISTICS IN THE ANALYSIS OF LITERARY DISCOURSE

Amalia Cardona Leites*, Camila Dalcin**

RESUMO

Este artigo busca analisar o conto “Os desterrados”, do contista uruguaio Horacio Quiroga, através da aproximação do conceito de transculturação narrativa conforme Ortiz (2002) e, posteriormente, Rama (2001) com a Ecolinguística segundo Couto (2007), enfatizando a maneira pela qual, dentro do universo narrativo, as dimensões naturais, mentais e sociais dos personagens literários articulam-se com seu espaço e seu tempo, a selva missioneira da Argentina na virada do século XX. Para esta análise, também utilizaremos o conceito de “território” dentro de seu caráter polissêmico de “território cultural”, tomado de empréstimo da Geografia segundo Haesbaert. A conclusão destas aproximações é que o ideal do bom selvagem que vive em equilíbrio total com seu meio não tem espaço na América de Quiroga. A natureza, em suas obras, relaciona-se diretamente com o reino do inumano, dos instintos opostos à razão, das expressões de violência não monopolizadas pelo estado, da violência e brutalidade em seu estado ancestral. Assim, seja entre o que se convencionou chamar de “civilização” ou “barbárie”, a identidade dos personagens fronteiriços molda-se a ferro e fogo, no confronto e na resistência (ainda que infrutífera) ao ambiente e dentro de seus específicos ecossistemas sociais.

Palavras-chave: Ecolinguística. Horacio Quiroga. Transculturação narrativa.

* Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Santa Maria, atua na Educação Básica no Estado de Santa Catarina.

** Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Santa Maria, atua como professora-formadora na Especialização em Ensino de Filosofia EAD da Universidade Federal de Pelotas.

ABSTRACT

This article seeks to analyze the short story “The Exiles”, by the Uruguayan writer Horacio Quiroga, by approaching the concept of narrative transculturation (according to Ortiz and later Rama) with the Ecolinguistics (according to Couto), emphasizing the way in which, within the narrative universe, the natural, mental and social dimensions of literary characters articulate with their space and time, the Argentinian jungle at the turn of the twentieth century. For this analysis, we will also use the concept of “territory” within its polysemic character of “cultural territory” borrowed from Geography (according to Haesbaert). The conclusion of these approximations is that the ideal of the good savage who lives in complete balance with his environment has no space in Quiroga’s Latin America. Nature, in his works, is directly related to the realm of the inhuman, the instincts opposed to reason, expressions of violence not monopolized by the state, violence and brutality in its ancestral state. Thus, between the so-called “civilization” or “barbarism”, the identity of the frontier characters is shaped by iron and fire, by the confrontation and by the resistance (although fruitless) to the environment and within its specific social ecosystems

Keywords: *Ecolinguistics. Horacio Quiroga. Narrative transculturation.*

La naturaleza de Morán era tal, que no sentía nada de lo que una separación total de millones de años ha creado entre la selva y el hombre. No era en ella un intruso, ni actuaba como espectador inteligente. Sentíase y era un elemento mismo de la naturaleza, de marcha desviada, sin ideas extrañas a su paso cauteloso en el crepúsculo montes. Era un cinco-sentidos de la selva, entre la penumbra indefinida, la humedad hermana y el silencio vital (QUIROGA, 2004, p. 315).

No espaço chamado América Latina, a ideia de nação como “comunidade imaginada” pode ser mais bem percebida nas zonas de fronteira, que compartilham das mesmas características geográficas, culturais e históricas, independente da demarcação política do território – como a região das Misiones, província argentina que compartilha com o Brasil e com o Paraguai uma série de elementos geográficos. Sobretudo em regiões como essa, o conceito de nação sofre um abalo, e já não se pode dizer quais características pertencem a um país ou a outro, ou onde exatamente está a divisão. Quando o conceito de identidade cultural é relativizado e passível de discussão, inúmeras portas se abrem e possibilitam novas leituras sobre aspectos discursivos, narrativos e literários.

Foi em 1940, na obra *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*, que o antropólogo cubano Fernando Ortiz cunhou o termo *transculturação*, com a intenção de substituir, ao menos em grande parte, o vocábulo *aculturação*, usado então para explicar os fenômenos culturais que se verificavam, naquele caso, em Cuba. A transculturação expressaria melhor as complexas transmutações de cultura em um país que, tendo seus povos originários com sua respectiva história e cultura, recebera correntes de imigrantes espanhóis e posteriormente de negros africanos, arrancados de seus núcleos sociais originários e com suas culturas destroçadas e oprimidas, tendo que se desajustar e se reajustar ao contato com o Novo Mundo.

Para o autor, este processo transitivo seria mais bem expresso pelo termo transculturação porque consistiria não apenas na absorção de uma nova cultura, como indica a expressão aculturação, mas também na perda de uma cultura precedente (desaculturação) e a conseguinte criação

de novos fenômenos culturais (neoculturação); como na reprodução humana, em que o filho sempre tem algo do pai e da mãe e ao mesmo tempo é diferente de ambos.

A trajetória do tabaco, segundo Ortiz, vai do ambiente social dos indígenas americanos até os negros africanos, e de lá para os europeus, constituindo um exemplo extraordinário de transculturação. Este movimento, verificado quando o tabaco cruzou o oceano e foi sofrendo influências de seu meio, mesclando suas características originais com outras adquiridas, foi analisado pelo antropólogo sob uma perspectiva transculturadora. Simultaneamente algo era perdido, ganhado e transformado, e o resultado desta equação dependia destes três momentos – parcial perda, incorporação da novidade e recomposição dos elementos sobreviventes. A conjugação destas forças seria fundamental para a compreensão da história da expansão do tabaco, de Cuba e, em última instância, da América Latina em si.

Nos novos estudos de literatura comparada, que buscavam valorizar a noção de diferença juntamente com as perspectivas históricas e culturais, termos como *aculturação* tampouco eram suficientes para analisar o contato entre duas ou mais culturas, já que o prefixo de negação não correspondia à realidade, pois a literatura latino-americana não era uma cópia fiel da europeia, mesmo quando se esforçava neste sentido. Desta forma, o vocábulo *transculturação* foi transposto para a crítica literária décadas depois, através de Ángel Rama, que cunhou a expressão *transculturação narrativa*.

Rama trouxe para o âmbito literário o neologismo antropológico e distinguiu dois processos de transculturação na literatura: um entre as metrópoles externas e as cidades latino-americanas, e outro entre suas regiões internas. Neste cenário, a transculturação resultaria do conflito cidade-campo e seria vista em três níveis: no linguístico, observaríamos a presença das línguas autóctones ou dialetos regionais misturados ao idioma do colonizador; no nível da composição literária, encontraríamos os recursos vanguardistas fecundando narrativas fantásticas e realistas e o regionalismo imbricado na narrativa social; finalmente, no nível dos significados, perceberíamos o vanguardismo, contestando o discurso lógico-racional presente no modernismo até então (a narrativa fantástica) e o regionalismo, redescobrimos os mecanismos mentais geradores do mito. O estudo dos processos transculturadores proporcionaria, segundo o crítico, um entendimento mais profundo das obras de um continente que tem como conceitos vertebrais a busca pela independência, pela originalidade e pela representatividade.

De acordo com o pensamento de Rama, no nível linguístico o escritor transculturador é aquele que se reconhece dentro da comunidade sobre a qual escreve, sem vergonha ou humilhação. O escritor, portanto, não procura simplesmente imitar minuciosamente a fala regional sob um ponto de vista externo, mas trabalha as possibilidades de seu próprio comportamento linguístico para construir uma língua literária específica da criação artística, restaurando a visão regional.

Ainda que para Rama a transculturação narrativa se desse somente a partir de nomes como o brasileiro Guimarães Rosa e o mexicano Juan Rulfo, acreditamos ser possível falar de transculturação também no contista uruguaio Horacio Quiroga, um dos maiores expoentes do conto latino-americano. Dentre suas inúmeras narrativas de temática regionalista, destacamos a recorrente ambientação dos contos quiroguianos na região de Misiones (nordeste da Argentina), território que, além de servir como pano de fundo de sua produção, foi escolhido pelo escritor para residir por quase toda sua vida. É neste contexto que analisaremos o conto “Os desterrados”, amparados por uma perspectiva ecolinguística.

Com o título original de *Los proscriptos*, este conto apareceu pela primeira vez na revista *Caras y Caretas*, em 1925, sendo posteriormente publicado em uma antologia de contos com o mesmo título. Narrado em terceira pessoa por um narrador testemunha que se apresenta como

conhecedor de vários dos perfis que circulavam em Misiones na virada do século, o conto está dividido em dois tempos: o primeiro refere-se a uma época em que a “civilização” começava a avançar naquela região e os homens trabalhavam nas mais precárias condições nas obragens e plantações de erva-mate. Localizada na tríplice fronteira (Argentina, Brasil e Paraguai), a província de Misiones tinha como características a escassa urbanização e a predominância de uma selva em sua grande parte não desbravada. Esses dois fatores somados resultavam, como havia de se esperar, em uma terra-de-ninguém que, a cada conflito político nos países circundantes, era tomada por fugitivos, que se misturavam aos trabalhadores locais e assim iam caracterizando o espaço.

A narrativa principia com forte tom naturalista: o narrador descreve os *tipos pitorescos* que em Misiones tiveram seu *campo de ação*. São apresentados aqui personagens que aparecerão em outros contos da mesma obra: são nomes como o de Juan Brown, Doutor Else e o químico Rivet, juntamente com um bandido egresso de Oxford e um cacique (com traços pouco indígenas) conhecido de ópera. Neste ponto, o foco narrativo recai sobre os protagonistas: dois brasileiros, João Pedro e Tirafogo. João Pedro chegara a Misiones com o título de general devido a seu conhecimento do terreno, e liderando um grupo de fugitivos. Havia trabalhado por pouco tempo para um estrangeiro, com a única intenção de obter sal gratuito e atrair onças, usando para isso o gado do patrão. Quando este percebe as atitudes do empregado e lhe chama a atenção, é encontrado morto na beira da estrada.

Anos depois, ao empregar-se em uma estância, também entra em conflito com o patrão, que não quer pagar seu salário, e que, ao invés disso, o persegue a tiros pelo campo. João Pedro é o escolhido para vingar-se, em nome de outros antigos empregados, e mata o estancieiro. O segundo protagonista, Tirafogo, não é dado a brigas e nunca estivera na polícia, motivo pelo qual se vangloriava. Era conhecido no vilarejo por seu gosto pela cachaça, suas habilidades de domador e por carpir mandiocas sob o violento sol do meio-dia na selva. Quando questionado por suas excêntricas preferências, respondia: “Eu só antigo”.

Esta noção de ser antigo e pertencer a um tempo específico indica a forma como se dará a transição da narrativa para o segundo momento, décadas após a chegada dos brasileiros em Misiones. O passar do tempo, mas sobretudo a falta de identificação com a terra, determina uma completa mudança nas personagens. Os dois homens viviam então em um “país” totalmente transformado, e Tirafogo não mais se vangloria:

Las costumbres, en efecto, la población y el aspecto mismo del país, distaban, como la realidad de un sueño, de los primeros tiempos vírgenes, cuando no había límite para la extensión de los rozados, y éstos se efectuaban entre todos y para todos. No se conocía entonces la moneda, ni el Código Rural, ni las tranqueras con candado, ni los breeches. Desde el Pequirí al Paraná, todo era Brasil y lengua materna, hasta con los francéís de Posadas. Ahora el país era distinto, nuevo, extraño y difícil. Y ellos, Tirafogo y João Pedro, estaban ya muy viejos para reconocerse en él (QUIROGA, 1987, p. 77, grifos nossos).

A que país distinto se refere o narrador? À Argentina, como corresponde no mapa? Em caso afirmativo, como compreender que “todo era Brasil y lengua materna”? É interessante focalizarmos como o uso dos substantivos “Brasil” e “país” neste mesmo parágrafo implica um efeito que, apesar de em um primeiro momento provocar confusão, demonstra discursivamente o imbricamento de ambos os territórios e ambas as identidades.

Os dois homens haviam chegado àquele cenário sem “limites para todos”, mas décadas depois começara o movimento obreiro, em uma região onde ainda permanecia o dogma da escri-

vidão do trabalho e da inviolabilidade do patrão, herança dos tempos jesuíticos. As greves e manifestações dos peões começaram a desencadear prisões sem motivo e mesmo mortes. Neste novo ambiente, os dois velhos, agora com cerca de oitenta anos de idade, percebem-se deslocados e não mais conectados àquela terra, àquela selva. A chegada do inverno ocorre e com ela chega também a saudade, traduzida pela ausência de palavras: “Se visitaban ahora con frecuencia, y tomaban mate en silencio, **enmudecidos por aquella tardía sed de la patria**. Algún recuerdo, nimio por lo común, **subía a veces a los labios** de alguno de ellos, suscitado por el calor del hogar” (QUIROGA, 1987, p. 79, grifos nossos).

O emudecimento causado pela sede da pátria: a imagem construída é poderosa e a polissemia do enunciado permite associar os conceitos de saudade, sede e palavra, como se, na ausência do objeto amado, fosse tão impossível ingerir o externo (daí a sede) quanto vomitar o interno (daí o silêncio). A partir da perspectiva da ecolinguística, podemos vislumbrar a relação da língua com os estímulos externos, quando observamos que mesmo as recordações que “subiam aos lábios” da personagem, não chegavam a ser expressas em sua completude e, portanto, os períodos são inacabados, cheios de pausas, como se não fosse possível traduzir sua carga emocional (*– E eu me lembro de todo... E de mamãe... A mamãe moça...*).

Nesse estado, os dois anciões decidem por fim empreender uma jornada de volta para casa, e a romântica possibilidade de retorno à infância motiva sua jornada, bela porque fracassada desde o início:

Y caminando, y sobre todo cuando acampaban de noche, uno y otro partían en detalles de la memoria que parecían dulces novedades, a juzgar por **el temblor de la voz**.

– Eu nunca dije para você, seu Tirá... ¡O meu irmão más piqueno estuvo uma vez muito doente!

O, si no, junto al fuego, con una sonrisa que había acudido ya a los labios desde largo rato:

– O mate de papãe cayose uma vez de mim... ¡E batiome, seu João! (QUIROGA, 1987, p. 80).

A esperança havia trazido de volta as memórias, transparecendo nas palavras ditas com voz trêmula e no sorriso, e materializando na linguagem um novo estado de espírito. Caminhando pela serra de Misiones, sua experiência lhes servia como forma de encontrar sustento e trilhas mais fáceis por aqueles dias. Contudo, começava um dos períodos de grandes chuvas. A umidade e a consequente febre não permitem aos proscritos realizarem seu último desejo, de alcançar a pátria mãe. O último diálogo é repleto de ternura e assemelha-se a uma conversa infantil:

Tirafogo, con un resto más de vida que su compañero, alzó los ojos, reconociendo los pinares nativos. Allá lejos vio en el valle, por entre los altos pinos, un viejo rozado cuyo dulce verde se llenaba de luz entre las sombrías araucarias.

– ¡Seu João! – murmuró, sosteniéndose apenas sobre los puños –. ¡É a terra o que você pode ver lá! ¡Temos chegado, seu João Pedro!

Al oír esto, João Pedro abrió los ojos, fijándolos inmóviles en el vacío, por largo rato.

– Eu cheguei ya, meu compatricio... – dijo.

Tirafogo no apartaba la vista del rozado.

– Eu vi a terra... É lá... —murmuraba.

– Eu cheguei – respondió todavía el moribundo –. Você viu a terra. E eu está lá.

– O que é... seu João Pedro – dijo Tirafogo –, o que é, é que você está de morrer... ¡Você não chegou!

João Pedro no respondió esta vez. Ya había llegado.

Durante largo tiempo Tirafoغو quedó tendido de cara contra el suelo mojado, removiendo de tarde en tarde los labios. Al fin abrió los ojos, y sus facciones se agrandaron de pronto en una expresión de infantil alborozo:
– ¡Ya cheguei, mamãe!... O João Pedro tinha razão... ¡Vou com ele!...
(QUIROGA, 1987, p. 80-81).

Nestas linhas finais do conto destacamos os verbos *chegar*, *ver* e *estar* que, apesar de usados pela primeira vez em sentido literal por Tirafoغو, logo em seguida assumem um caráter metafórico com a resposta de João Pedro, quando com os olhos imóveis, atesta já ter chegado. Ante a insistência de Tirafoغو, é o narrador quem dá a palavra final e confirma que “João Pedro no respondió esta vez. Ya había llegado”. O discurso do narrador consubstancia-se com o do protagonista em um movimento dialético, como que finalmente autorizando também Tirafoغو a “chegar em casa”, atestando o aspecto linguístico da transculturação narrativa executado pelo narrador quiroguiano.

De nada importava que os protagonistas houvessem vivido em harmonia com seu entorno por décadas, pois quando desejam sair não é possível e o repouso final se dá dentro da própria selva. De paraíso inicial (quando de sua instalação em Misiones), ela se transformara em um inferno que lhes tiraria a vida. Paralelamente, a mudança que ocorre na fronteira com o passar do tempo simboliza tanto o avanço da onda civilizatória sobre a região selvática quanto a chegada da velhice dos protagonistas. Novos tempos exigem novas atitudes, mas se torna difícil proceder em um local em que a indefinição é a regra. No primeiro período temporal no qual ocorre a narrativa, quando existia a força e o vigor da juventude, a violência necessária à vida na fronteira não era um problema, e João Pedro e Tirafoغو eram capazes de circular naquele ambiente e desafiar as leis existentes. Contudo, no segundo momento do conto, quando o cenário se modificou e os códigos conhecidos foram abalados, os dois velhos perderam suas referências e decidiram voltar para casa.

O primeiro desterro, sua ida do Brasil para a Argentina, não havia sido um trauma ou um problema, mas uma solução. A fronteira, portanto, é primeiramente apresentada como o ecossistema social propício para aqueles que nada têm – pois quem nada tem, nada perde – e em Misiones os protagonistas viviam condizentes com as leis locais. Seu segundo e mais autêntico desterro se dá quando empreendem a volta para o Brasil, em que os tempos são outros e as regras lhes são desconhecidas. Velhos e fracos, são motivados pela lembrança do passado, a busca por reconquistar sua liberdade e intimidade em um ambiente familiar. Não buscam, como afirmou Alves-Bezerra (2008) a terra prometida, mas sim o retorno à terra natal. E será neste entre-lugar que perderão sua vida, tendo a visão simultânea das araucárias brasileiras e da selva argentina.

Os protagonistas também são desterrados sob a perspectiva de seu ecossistema linguístico, dialogando o tempo todo em portunhol. Os pronomes pessoais “eu” e “você” aparecem em língua portuguesa, conjugados com verbos em espanhol: “eu dije”, “eu tengo vivido”, “agora mesmo eu tenía pensado proponer a você”. Os verbos, a ação é em língua espanhola, a língua necessária para o trabalho, enquanto os pronomes pessoais permanecem na língua materna. Da mesma forma, o portunhol que utilizam em todos os diálogos do conto demonstra a indefinição do pertencimento ao lado brasileiro e ao lado argentino. Além do mais, João Pedro não é identificado com um sobrenome, enquanto de Tirafoغو não chegamos a conhecer sequer o nome verdadeiro. A expressão surgida da mistura de um vocábulo espanhol com outro em português, “atirar fogo”, contudo, acaba por nos falar mais de sua personalidade do que um nome próprio o faria. O hibridismo da linguagem, ocorrência tão natural nas regiões de fronteira que chega muitas vezes a passar despercebida por seus habitantes, também demonstra o que chamamos de promiscuidade existente nas zonas fronteiriças, onde os limites se diluem e se indefinem.

Neste conto podemos perceber uma visão do homem não mais como centro do seu ambiente e ápice da evolução. O personagem quiroguiano é igual aos demais elementos da natureza, vive e morre como qualquer animal e está ciente disso. Seus conflitos e desordens internas têm que se submeter a uma lei da selva que é fruto da interação colonizador versus colonizado – e este ecossistema o circunda, soberano, e não permite questionamentos.

Nos rincões isolados da América nos quais a modernidade estava instalando-se, a violência que ditou o avanço da civilização sobre a barbárie moldou o perfil de seus habitantes desde o início, não só na fronteira Argentina, mas em toda a América do Sul. Nada mais natural, portanto, que os “tipos” fronteiriços das narrativas de Quiroga refletissem esse processo. Em *Los desterrados* temos a perda do ânimo advinda com a velhice, em um ambiente no qual os personagens não mais se reconhecem e o exílio na terra natal é a única saída possível. Esta mentalidade, que se constitui em um dos aspectos das narrativas regionalistas de Quiroga, é uma forma bastante particular de estar no mundo e vivê-lo: a ambiguidade da profunda revolta com o meio juntamente com a consciência da impotência humana diante da natureza e do tempo.

Para um aprofundamento deste último aspecto, acreditamos ser necessário o diálogo com outras áreas do conhecimento, e aqui trazemos emprestado da Geografia o conceito de *território* para compreendermos as relações de domínio e apropriação do espaço que são possíveis de serem discutidas através da análise das obras literárias. Mais além do espaço como categoria geral de análise, utilizaremos o conceito de território para auxiliar a discussão da subjetividade e da identidade pessoal dos personagens da ficção quiroguiana, na dimensão cultural/simbólica. Nesta dimensão, definimos território pela apropriação e valorização de um espaço por um grupo, portanto é elemento essencial na construção da identidade. A ideia de territorialização, deste ponto de vista, consistiria na construção deste espaço com os indivíduos, e abrangeria desde os aspectos mais concretos da existência humana até os mais simbólicos, como as relações de poder.

Não há indivíduo ou grupo social sem território, quer dizer, sem relação de dominação e/ou apropriação do espaço, seja ela de caráter predominantemente material ou simbólico. O homem sendo também um *homo geographicus*, ou seja, um “homem territorial”, cada momento da História e cada contexto geográfico revelam sua própria forma de desterritorialização, quer dizer, sua própria relação de domínio e/ou apropriação do espaço, privilegiando assim determinadas dimensões do poder (HAESBAERT, 2004, p. 339).

O homem como animal “territorializador” seria capaz de habitar mais de um território, e então formular uma territorialização efetivamente múltipla. Este movimento de apropriação do espaço naturalmente originaria diversos tipos de conflito, nos quais cada indivíduo acaba por sofrer desterritorializações e posteriores reterritorializações – transformando assim sua identidade e seu modo de estar no mundo e ver o mundo. Vejamos os personagens de *Los desterrados*, que, da juventude à velhice, buscam a territorialização e a segurança em seu ambiente. Ou a complexa e delicada relação dos demais personagens desta obra, que são europeus e indígenas e cujos ancestrais fizeram parte do projeto das missões jesuíticas e que posteriormente são marginalizados peões de obra de erva-mate.

Da mesma forma, percebemos através das narrativas de Quiroga que os fatores sociais existentes na formação da região fronteiriça de Misiones acabaram por aproximar três nações. Naquela faixa geográfica conviveram, misturaram-se e influenciaram-se argentinos, paraguaios e brasileiros que, antes mesmo de possuírem gentílico, eram europeus, crioulos, negros ou indígenas. Mas todos tinham em comum, acima de tudo, o fato de serem fronteiriços isolados na selva e

condenados a uma existência miserável perpassada de penúrias e violência, em que o ser humano não valia mais do que os animais que o rodeavam.

Esta particular e profunda percepção de Horacio Quiroga sobre a vida na fronteira fez com que seus contos de temática regionalista o consagrassem como um dos maiores escritores da América Latina, apesar de que suas narrativas de temática urbana sempre tenham sido relegadas a segundo plano pela crítica, e sua inserção dentre os regionalistas latino-americanos tenha se dado em um momento histórico em que ganhavam força a busca pelos critérios de originalidade, independência e representatividade no continente. Ainda assim, a potência dos ecossistemas mentais e sociais dos cenários e personagens quiroguianos possui ressonância na atualidade.

Retomando o crítico uruguaio Ángel Rama,³ entendemos que o impacto da modernização no início do século XX fez com que a cultura passasse por três momentos distintos: no primeiro, ocorreu o retorno defensivo e a submersão na cultura materna; no segundo, seus valores passaram por um exame crítico; já no terceiro o impacto foi absorvido pela cultura regional, ocorrendo a redescoberta da seleção de seus componentes válidos. Para Rama, o conflito da modernização com o regionalismo acabou por produzir uma resposta vigorosa e coerente, que acreditamos ser possível vislumbrar na obra de Quiroga. Esse conflito, ocorrido no início do século, a nosso ver associa-se ao conceito de territorialização como processo em constante movimento, já que trata das relações da sociedade com seu espaço e região e de como os indivíduos se reconhecem e constroem sua identidade.

Por último, cabe ainda ilustrar o ambiente dos contos de Horacio com a expressão “inferno verde”, cunhada por Euclides da Cunha e consagrada por Alberto Rangel. Apesar de ter se originado como uma referência à amazônia brasileira, tal expressão reflete a ideia de que a selva, com seu clima particular e sua fauna e flora hostis, podia transformar a vida de seus habitantes em um verdadeiro inferno, distante da concepção idílica da natureza que começou a ser construída quando os primeiros europeus se aventuraram no continente.

O “Novo Mundo”, identificado pelo colonizador como um paraíso, mescla do Éden bíblico e de antigos mitos gregos, pronto para ser dominado e conquistado, aparece no contista uruguaio como cenário não passível de alterações ou de utopias, cenário de uma realidade violenta onde, além da estrutura social, a natureza é adversa ao homem, trazendo apenas desgraças.

O conflito civilização *versus* barbárie chega aqui a um impasse. Não é possível ver a civilização como o polo positivo, já que o avanço civilizatório traz apenas sistemas sociais opressores que escravizam o trabalhador missionário. Tampouco é plausível visualizar a natureza como uma fonte de ecossistema harmonioso e equilíbrio ancestral, já que dela vem a destruição do ser humano. Alejandro Quin afirma que:

En otras palabras, la explotación de zonas naturales como el bosque o la selva – zonas marginales a las que no obstante se les ha concedido una enorme carga semántica – va mucho más allá de la simple racionalidad instrumental que busca maximizar ganancias materiales, extendiéndose a los planos simbólico e institucional. Desde la perspectiva del proyecto criollo-colonial de lo que Ángel Rama llamó “la ciudad letrada”, la selva ha representado en el pensamiento latinoamericano un espacio de pura negatividad, un exceso discursivo y territorial imposible de controlar completamente (QUIN, 2011, p. 18).

O ideal do bom selvagem que vive em equilíbrio total com seu meio não tem espaço na América de Quiroga. A natureza, aqui, relaciona-se diretamente com o reino do inumano, dos instintos opostos à razão, das expressões de violência não monopolizadas pelo estado, da violência e brutalidade em seu estado ancestral. Assim, seja entre o que se convencionou chamar de “civi-

lização” ou “barbárie”, a identidade dos personagens fronteiriços molda-se a ferro e fogo, no confronto e na resistência (ainda que infrutífera) ao ambiente e dentro de seus específicos ecossistemas sociais. E dentre todas as formas de arte, é através da literatura que tantas contradições e conflitos de ideias podem ser mais bem compreendidos.

REFERÊNCIAS

- ALVES-BEZERRA, W. *Reverberações da fronteira em Horacio Quiroga*. São Paulo: Humanitas, 2008.
- ANDERSON, B. *Imagined Communities: reflections on the origin and spread of nationalism*. 2. ed. New York: Verso, 1991.
- BERND, Z. (org.). *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- COUTO, H. H. do. *Ecolingüística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização*. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2004.
- HAESBAERT, R. *Territórios alternativos*. Niterói: EdUFF; São Paulo: Contexto, 2002.
- ORTIZ, F. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Madrid: Cátedra, 2002.
- QUIN, A. *Taming the chaos: nature, sovereignty, and the politics of writing in modern Latin America*. 2011. 261 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – University of Michigan, Michigan, 2011.
- QUIROGA, H. *Cuentos*. 3. ed. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2004.
- QUIROGA, H. *Los desterrados*. Prólogo de Fernando Rosemberg. Buenos Aires: Kapelusz, 1987.
- RAMA, Á. *Literatura e Cultura na América Latina*. São Paulo: Edusp, 2001.